

*Das excelências da retórica, e de alguns de seus deméritos
para a esfera moral, segundo as reflexões de autores antigos e
modernos**

MARCOS ANTÔNIO LOPES
Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Por longo tempo a arte retórica foi idealizada como instrumento para a elaboração de discursos políticos. Proferidos em espaços públicos na Atenas democrática e na Roma republicana, oradores empenhavam-se em persuadir o conjunto dos cidadãos frente à deliberação de temas cruciais. Em torno ao discurso político, e em reação moralizante a seus propósitos, surgiram vertentes de pensamento que, de Platão a Locke, ocuparam-se em destacar o alcance de suas características positivas e negativas. Em uma perspectiva globalizante, este artigo apresenta alguns autores e textos que se ocuparam dos sentidos políticos e morais da retórica. Para além das funções pragmáticas do discurso político, e do conteúdo ético próprio das reflexões filosóficas, conclui-se que o estudo da retórica pode se mostrar ainda um expediente de valor no campo da interpretação de textos.

Palavras-chave: Discurso político; História da retórica; Intelectuais e poder político; Antigos e modernos.

Abstract: Over the centuries the *ars rhetorica* was conceived as an instrument for the development of political speeches. Pronounced in public spaces in the democratic Athens and in the republican Rome, orators endeavored to persuade the community of citizens to face the resolution of urgent matters. Around the political discourse, and in reaction to his

* Artigo submetido à avaliação em 14 de junho de 2014 e aprovado para publicação em 19 de julho de 2014.

moralizing purposes, emerged a rich philosophical tradition that, from Plato to Locke, strove to discern the scope of its virtuous and vicious dimensions. In this panoramic approach, this paper presents some authors and books that occupied of political and moral sense of the rhetoric. In addition to the instrumental functions of political discourse, and of moralizing reflections own of philosophical analyses, I try highlight the study of ars rhetoric as a technique useful in the analysis of texts.

Keywords: Political discourse; History of rhetoric; Intellectual and political power; Ancient and modern.

[...] muitas vezes já aconteceu que uma palavra, dita casualmente ou mesmo sem propósito, realiza no espírito de uma pessoa aquilo que, muitas vezes, repreensões sem conta e sofrimentos mil não o conseguem.

Giovanni BOCACCIO. *Decamerão*.

Como notara Nietzsche, os modernos foram sempre imprecisos quanto ao conceito de retórica, e os antigos alimentaram uma incessante rivalidade diante dele. Que a retórica era uma guerra de palavras para a acomodação de sentidos circunstanciais desejáveis ou que precisava perseguir finalidades sublimes e coincidir com o bem na vida em comum foram algumas das soluções tradicionais a ela conferidas, em diferentes épocas. De fato, ideias contrastantes dos elementos linguísticos, estéticos e morais implicados na retórica marcam presença em uma considerável gama de textos modelares, a começar pelas considerações dos sofistas, por alguns dos diálogos de Platão, pela obra magna de Aristóteles, pelos tratados de Cícero, pela musculosa “apostila” de Quintiliano, e mais uma meia dúzia de obras eminentes, que seguiram as pegadas destes ilustres compositores de uma arte que, nascida há milênios, nunca teve uma morte comprovada, apesar de seus reconhecidos períodos de crise.

Louvor da obscuridade

Em alguns de seus diálogos Platão alertara sobre a fútil arte de meditar acerca de argúcias que em nada contribuem para promover o bem a todos. Talvez por isso o moralista platonizante Plutarco tenha se lembrado de incluir em suas máximas morais a respeito da audição a anedota do sábio Bias. Instado a enviar uma parte do corpo de uma pessoa para um sacrifício ritual, não teve dúvidas em arrancar e remeter a língua da vítima, posto que a fala reúne os maiores benefícios, assim como os seus piores prejuízos.¹ Também Aulo Gélío expressou algo de sua indignação contra certo gênero de retórica. Em *Noites áticas* ele condena toda abundância de verbo como um defeito importuno típico de línguas errantes em meio a suas jornadas incansáveis à busca de vocábulos insígnis, “palavras molhadas e escorregantes” escolhidas a dedo para recheiar discursos um tanto carentes de razões sustentáveis. E se a condição necessária ao retórico é que jamais lhe faltem palavras, então que a plateia não sinta que poucos minutos assemelhem-se a anos! Nessa altura de seu livro, Gélío se aproveita para louvar os varões filosóficos que execraram tal prática, no que deixa a lição: para falar será preciso mais do que uma boca, pois a fonte do discurso virtuoso é o peito ou, mais propriamente, o coração.² Em *Diálogos dos mortos*, Luciano de Samósata dispara contra um sofista: “Também tu, orador, despeste da loquacidade, das antíteses, das frases simétricas, dos circunlóquios, dos barbarismos e de todos esses pesos dos discursos”.³

Parte da crítica moderna acolheu as considerações dos antigos quanto à necessidade de evitar a fuligem obscurecente das palavras enfeitadas, mais convenientes para o uso dos profetas e dos alquimistas, antes que àqueles que se ocupavam com as realidades efetivas. Paramentar discursos era um

¹ Cf. PLUTARCO. *Como ouvir*. p. 8.

² Aulo GÉLIO. *Noites áticas*. p. 58.

³ Luciano de SAMÓSATA. *Diálogos dos mortos*. p. 53. A propósito das dificuldades nascidas da obscuridade, um filósofo contemporâneo apoia-se no velho Quintiliano para lembrar que todo discurso será defeituoso sempre que requerer um intérprete. Cf. Friedrich NIETZSCHE. “Descripción de la retórica antigua”. In: _____. *Escritos sobre retórica*. p. 104.

modo de perturbar a razão, o que foi percebido por uma vanguarda filosófica que pode muito bem ser iniciada por Maquiavel, quem primeiro recusou a “tempestade de prosas retóricas e poéticas” de seu tempo, segundo a expressão de Francesco de Sanctis.⁴ No estilo modéstia afetada, o florentino fez questão de sublinhar que abriria mão das sobrecargas de adereços em seu pequeno catálogo de sabedoria política, para abrigar-se apenas no mérito da agudeza de sua abordagem.⁵ Seu contemporâneo, o escritor e diplomata lombardo Baldassare Castiglione, recusou-se a emular o então emblemático Boccaccio, porque “... sempre é vício usar palavras que não façam parte dos hábitos”.⁶ Já o toscano Giovanni della Casa igualmente desaconselhou a escolha de terminologia “estrangeira”, atentando-se ainda para que as palavras da própria terra não tenham se “... tornado rançosas e antiquadas como roupas rotas...”.⁷ E o também quinhentista Montaigne concluiu: para que seu próprio filho aprendesse a falar, de bom grado o matricularia numa taberna, evitando as escolas de eloquência, onde se sufocam os discursos por requintes de gravidade, de grandeza e de majestade.⁸ Mais do que qualquer outro grande homem de cultura, Montaigne compôs seus textos sem servir-se das técnicas retóricas, afirma Auerbach, tendo se erguido na arte escrita como franco adversário do “palavreado dissimulador”.⁹ Ainda que se confessasse admirador da retórica, e considerando-a muito antes um dom do espírito do que o fruto gerado por treino disciplinado, o seiscentista René Descartes manteve dela distanciamento preventivo, comprazendo-se com as

⁴ Citado por Carlo CORDIÉ. “Introdução”. In: Baldassare CASTIGLIONE. *O cortesão*. p. XXVIII.

⁵ Cf. Nicolau MAQUIAVEL. “Ao Magnífico Lorenzo de Medici”. In: _____. *O príncipe*. p. 129s.

⁶ Baldassare CASTIGLIONE. “Ao reverendo e ilustre senhor Dom Michel da Silva, bispo de Viseu”. In: _____. *O cortesão*. p. 6.

⁷ Giovanni DELLA CASA. *Galateo ou Dos costumes*. p. 58.

⁸ Cf. Michel de MONTAIGNE. “De l’art de conferer”. In: _____. *Essais*. p. 905 e 914. Marc Fumaroli explica essa indisposição montaigniana diante da tratadística cortesã da eloquência, arte plena de civilidades requintadas e artificiosas, muito hábil em polir as arestas, aflautando palavras que amaciam a conversação, abrindo o caminho para todas as falsidades. Cf. Marc FUMAROLI. “Prefácio: o discurso do método de Montaigne”. In: Blaise PASCAL. *A arte de persuadir precedida de A arte da conferência de Montaigne*. p. XV.

⁹ Cf. Eric AUERBACH. “O escritor Montaigne”. In: _____. *Ensaio de literatura ocidental*. p. 156s.

virtudes da linguagem matemática.¹⁰ Em parte, essa cautela de Descartes devia-se ao receio de instalar seus trabalhos no campo conflituoso que as palavras possuem o dom de gerar, o que ele confessa nas cartas enviadas de Amsterdã ao padre Mersenne.¹¹ O também seiscentista francês Blaise Pascal recomendou no discurso filosófico o emprego de palavras “perfeitamente conhecidas”.¹² E, no mesmo século XVII, a exigência do preceptor do duque de Borgonha, François Fénelon, passava por destituir os discursos de toda ornamentação frívola.¹³ Em fins do século XVII, John Locke expunha as suas preocupações quanto aos riscos da eloquência. Segundo ele, a retórica era mesmo uma potência virtuosa, desde que se procurasse por ordem e clareza ao falar das coisas como elas realmente são. Mas, de modo recorrente — afirmou o filósofo inglês —, a retórica fora útil para ludibriar o bom senso. Habitualmente, o retoricismo deleita-se em compor fraudes, porque o homem se compraz bem mais em aprofundar o engano do que em buscar a verdade. Ludibriar e ser ludibriado parece constituir-se numa fonte de prazer. Prestigiada ao longo de tantos séculos, notava Locke, era tarefa de extrema dificuldade maldizer a retórica. Como as belas mulheres, a eloquência seduz poderosamente, e será tarefa inglória erguer o véu que cobre a sua face enganadora.¹⁴ No século XIX, Schopenhauer apresentou risonhamente o estratagema do “discurso incompreensível” criticado por tantos escritores célebres como uma arma infalível para enfrentamentos argumentativos, pois um “... caudal de palavras sem sentido” leva à crença de que ali há alguma mensagem de alta sabedoria.¹⁵ “Não há nada mais fácil”, diz Schopenhauer

¹⁰ Cf. René DESCARTES. “Primeira parte”. In: _____. *Discurso do método*. p. 42s.

¹¹ Ver algumas dessas cartas em: René DESCARTES. *O pensamento vivo de Descartes*. p. 186ss. Conferir nessa mesma obra, a propósito do caráter vigilante de Descartes quanto às formas de expressão, as considerações de Paul Valéry no texto de apresentação. p. 12ss.

¹² Blaise PASCAL. “De l’art de persuader”. In: _____. *Pascal, œuvres complètes*. p. 356.

¹³ François FÉNELON. *Dialogues sur l’éloquence en general et sur celle de la chaire en particulier*. In: _____. *Oeuvres de Fénelon*. (Livro II). p. 658.

¹⁴ Cf. John LOCKE. “Of the abuse of words”. In: _____. *An essay concerning human understanding*. p. 411s.

¹⁵ Ver: Arthur SCHOPENHAUER, A. “Discurso incompreensível”. In: _____. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. p. 178s. Em nota, Olavo de Carvalho (tradutor e comentador da obra) reflete sobre a ironia, considerando-a uma reação ao esoterismo vocabular de Hegel. Também

em outro de seus textos, “do que escrever de tal maneira que ninguém entenda; em compensação, nada mais difícil do que expressar pensamentos significativos de modo que todos os compreendam. O *ininteligível* é parente do *insensato*, e sem dúvida é infinitamente mais provável que ele esconda uma mistificação do que uma intuição profunda”.¹⁶ E ele prossegue em seus arrazoados face aos “desperdiçadores de tinta” que não se resignam em falar com a linguagem de dia de semana (Guimarães Rosa), contrastando os atrativos da ingenuidade às reações repulsivas que a artificialidade atrai no discurso. Sob tais aspectos, é provável que o filósofo oitocentista serviu-se do aforismo de Baltasar Gracián, que aborda a necessidade de se expressar com clareza. Com efeito, no *Oráculo manual y arte de prudencia*, o jesuíta espanhol recordava a estranha devoção aos engenhos confusos, pela dificuldade de serem compreendidos. Desse modo, a obscuridade neles conscientemente entranhada livrava-os de caírem na mediocridade, disse.¹⁷ Tudo isso foi sintetizado por Nietzsche em um aforismo de seu impressionante *Humano, demasiado humano*. Escritores que enfrentam dificuldades com a boa maneira de expressar-se escolhem os termos e superlativos que pareçam de uma robustez maior. A pretensão deles é exagerar para produzir algum gênero de claridade, o que não é muito certo de que alcancem tal objetivo.¹⁸

Arte de papagaios

Como se pode notar, em distintos graus, autores modernos reagiram negativamente ante a reputação firmada pela retórica na tradição filosófica do Ocidente. Com efeito, há muito que a retórica fora definida como a arte de expor ideias por meio de um domínio diferenciado da palavra — uma

Nietzsche combateu o “pecado contra a claridade”, no que se fundamentou no próprio Schopenhauer. Cf. Friedrich NIETZSCHE. “Descripción de la retórica antigua”. In: _____. *Escritos sobre retórica*. p. 95s.

¹⁶ Arthur SCHOPENHAUER. “Sobre a escrita e o estilo”. In: _____. *A arte de escrever*. p. 83.

¹⁷ Cf. Baltasar GRACIÁN. “Oráculo manual y arte de prudencia”. In: _____. *Obras completas*.

¹⁸ Cf. Friedrich NIETZSCHE. *Humano, demasiado humano*. p. 128.

“perícia no dizer”, segundo a expressão de Demóstenes —,¹⁹ o que implicava no poder de convencer e persuadir pessoas pelo emprego de certos engenhos do discurso. E isso nas dimensões do pró e do contra, enchendo a ambas de méritos equivalentes diante de um público por vezes pouco aparelhado para perceber as armadilhas do verbo infiltradas nas engrenagens bem arranjadas de um discurso que, como lembra Kenneth Minogue, “... era uma performance a ser lembrada pelos tempos afora”.²⁰ Segundo Albin Lesky, o primeiro livro sobre retórica, um manual prático, fora redigido por Córax e seu discípulo Tísias, em Siracusa. Mas entre os gregos, o culto à palavra remontava a Homero.²¹ Nascida ao redor de conflitos agrários na antiga Siracusa no século V a.C.,²² a retórica fora objeto de rica conceituação sendo definida, inclusive, como uma disciplina para servir de apoio à necessidade dos pedantes que, em todos os tempos, padecem de incontinência verbal, moléstia que consiste no puro fraseado dos “...que nada têm a dizer e que, no entanto, querem dar ares de dizer alguma coisa”.²³ Classificação semelhante havia concebido Platão, ao destacar a ocupação do sofista como aquela atividade que gera desconforto a seus ouvintes, a ponto de denominá-la “simplesmente, tagarelice”.²⁴ No tratado de arte retórica e manual da nova civilidade cortesã — concebido sob demanda por Giovanni della Casa ao longo da primeira metade dos anos 1550 —, recorda-se que princípios até bastante supérfluos para serem objeto de memória, como versar apenas os temas já formados no espírito, eram comumente desprezados pelas pessoas. Então, argumentos que melhor estariam se parecessem “paridos” de modo natural, passeando livremente pela boca de gárrulas mais se assemelhavam a

¹⁹ DEMÓSTENES. “Oração à coroa”. In: PORTO SOBRINHO, Faustino. (Org.). *Antologia da eloquência universal, de Péricles a Churchill*. p. 74.

²⁰ Ver Kenneth MINOGUE. “Os gregos antigos: como ser um cidadão”. In: _____. *Política*. p. 24.

²¹ Ver: Albin LESKY. “Os sofistas e os começos da oratória artística”. In: _____. *História da literatura grega*. p. 380.

²² Cf. Henri-Irenée MARROU. *História da educação na Antigüidade*. p. 91; e Paul Oscar KRISTELLER. “La filosofía y la retórica de la Antigüedad al Renacimiento”. In: _____. *El pensamiento renacentista y sus fuentes*. p. 286.

²³ Cf. ARISTÓTELES. *Arte retórica*. p. 199.

²⁴ PLATÃO. “Sofista”. In: _____. *Os pensadores*. p. 141.

juízos “abortados”. Essas criaturas “ávidas de falar” eram também incapazes de dotar os seus discursos de sentido, e nisso nivelavam-se a sabujos, sempre incapazes de aferrar suas presas, ironizou Della Casa.²⁵ E um pouco adiante persiste Della Casa em desautorizar a avidez das línguas ligeiras e desenfreadas, comparando seus portadores ao frango esfomeado que se vê nos quintais das fazendas, “... a tirar a espiga do bico de outro”. Os que atravessam uma prosa já em curso arrancam os argumentos dos que já tinham iniciado a conversa, o que produz justificada irritação, pois a ninguém agrada ter o seu prazer bloqueado, ainda que se trate de atirar uma pedra ou de dar livre curso a um bocejo. Experimente deter a mão do atirador ou tapar a boca de quem descontraí, propõe o mesmo autor.²⁶ Outro escritor moderno distinguiu a facúndia face à eloquência: a primeira era simples verve ou facilidade da palavra; já a segunda, o real valor dos que sabem explicar-se com desenvoltura.²⁷ Assim sendo, concluía Locke, a tagarelice não difere muito da arte de papagaios: ainda que se sirvam de palavras, desconhecem por completo os seus respectivos sentidos.²⁸ Talvez por isso se tenha afirmado que uma fala boa o será duplamente virtuosa se for breve e, ainda que um discurso curto possa ser ruim, não chegará a ser péssimo. No entanto, há quem diferencie brevidade de laconismo, como o faz o autor seiscentista Cabrera de Córdoba. Para ele, será breve o que disser poucas coisas, e será lacônico o que expressar muitas coisas, ainda que com poucas palavras. Assim, triunfar por meio de um discurso não implica em servir-se de uma multidão de termos, mas na “força e valentia” de uma oração.²⁹ Em suma, o valor de um discurso está na capacidade de extrair essências, nunca na desenvoltura de esparramar-se em excessos. Daí a necessidade de cuidar

²⁵ Cf. Giovanni DELLA CASA. *Galateo ou Dos costumes*. p. 67.

²⁶ Cf. Giovanni DELLA CASA. *Galateo ou Dos costumes*. p. 71.

²⁷ Cf. Giambattista VICO. *Elementos de retórica: El sistema de los estudios de nuestro tiempo y Principios de oratoria*.

²⁸ Cf. John LOCKE. “Of the signification of words”. In: _____. *An essay concerning human understanding*.

²⁹ Cf. Luis CABRERA DE CORDOBA. “Libro Segundo de Historia, Discurso XVIII, Del estilo y elegância del historiador”. In: _____. *De Historia, para entenderla y escribirla*. p. 126.

para não se embalar no palavrório inútil, cansando a si e aos outros, afirmou Gracián.³⁰

Bigorna moral

Na antiga Atenas a retórica fora objeto de ensino voltado à formação dos debatedores da ágora. Em Roma, no ano 92 a.C., desconfiando da capacidade da retórica para gerar boas influências sobre a juventude, Crasso mandou fechar estabelecimentos de ensino especializados em tal arte, para ele antros de degeneração da mocidade a ensinar novidades corruptoras dos antigos e bons costumes estabelecidos pelos antepassados.³¹ Nos fins do século IV da era cristã Santo Agostinho deu um interessante depoimento acerca dos que se pronunciavam por meio de discursos ajardinados. Nas *Confissões*, ele descreveu a sua desilusão com a eloquência de Fausto, um iniciado maniqueísta que sabia desenvolver assuntos que desconhecia quase por completo, embrulhando-os em “palavrado colorido”. A eloquência de Fausto era acobertada pela impossibilidade de se lhe formular diretamente perguntas nos cultos que presidia, o que levou o jovem Agostinho a concluir que “... maus alimentos podem ser servidos em pratos finos...”.³²

Nos tempos antigos a consciência do domínio malsão do discurso gerou as reações indignadas de Platão contra a indiferença moral exibida pelo retoricismo sofístico, segundo ele uma aptidão exercida prontamente para debater fosse o que fosse, acerca de todos os assuntos.³³ Esse aspecto da

³⁰ Cf. Baltasar GRACIÁN. “Oráculo manual y arte de prudência”. In: _____. *Obras completas*.

³¹ Essa história é narrada por Gélio. Cf. Aulo GÉLIO. *Noites áticas*. p. 511.

³² SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. p. 77s. Sobre a formação retórica de Agostinho, ver: Paul Oscar KRISTELLER. “La filosofía y la retórica de la Antigüedad al Renacimiento”. In: _____. *El pensamiento renacentista y sus fuentes*. p. 298; e Eric AUERBACH. “Sacrae scripturae sermo humilis”. In: _____. *Ensaio de literatura ocidental*. p. 15ss. Acerca da cristianização da oratória pagã promovida por Agostinho, ver a análise de Marc FUMAROLI. “Préface”. In: _____. (Org.). *Histoire de la rhétorique dans l’Europe moderne*. 1450-1950. p. 11s.

³³ PLATÃO. “Sofista”. In: _____. *Os pensadores*. p. 149s. Uma síntese de quatro concepções gregas acerca da retórica (as do próprio Platão, de Górgias, de Sócrates e de Aristóteles) foi

retórica esclarece a razão de ter sido ela tão combatida por Platão, sobretudo no diálogo *Górgias*. E foi precisamente Platão quem mais influenciou para o seu descrédito na comunidade de filósofos, conforme argumenta uma série respeitável de autores, entre antigos e modernos.³⁴ De acordo com a análise de Werner Jaeger, o caráter amoral da retórica era a pior censura que se poderia lançar ela.³⁵ Segundo a concepção platônica, persuadir pelo simples prazer de exibir dotes de eloquência, sem que tais dons revelassem conteúdo moral de efetivo proveito para a vida na polis, era algo como encher cântaros com peneiras; tratar-se-ia de um esforço vazio de sentido uma vez que a retórica deveria ocupar-se em aperfeiçoar o homem. Ora, sendo o sujeito do discurso retórico aquele controversista astuto e mercenário que o filósofo definiu como um “atleta do discurso”, criatura sequiosa de extrair proveito da juventude abastada, o seu produto final — o discurso — não engendraria bons resultados, a não ser atrair para si favores e prazeres ou, como disse Aristóteles, produzir “utilidades”.³⁶

Terreno pleno de complexidades, o campo da *ars rhetorica* tende a gerar alguns efeitos curiosos quanto à produção de sentidos dos discursos. Em pleno controle de suas habilidades, o *virtuose* da palavra pode até fazer a escuridão assemelhar-se à claridade, ou o chumbo virar cortiça — como diria o superinventivo padre Vieira —,³⁷ promovendo alquimias surpreendentes na arte do ataque e da defesa, a ponto de fazer o litigante indispor-se com a própria causa. E os protocolos da palavra ardilosa foram sintetizados por Aristóteles, logo na entrada do Capítulo I do Livro III de sua *Arte retórica*, obra que exerceu uma poderosa influência ao longo da Idade Média e dos séculos da modernidade quanto ao estabelecimento das regras do discurso. A capacidade inventiva para produzir persuasão e que marca o discurso

elaborada por: Christian RUBY. “A função da palavra; O cidadão e a retórica”. In: _____. *Introdução à filosofia política*. p. 15.

³⁴ Cf. Chaïm PERELMAN & Lucie OLBRECHTS-TYTECA. *Tratado da Argumentação*. p. 7.

³⁵ Cf. Werner JAEGER. *Paideia*. A formação do homem grego. p. 1077.

³⁶ PLATÃO. “Sofista”. In: _____. *Os pensadores*. p. 148.

³⁷ “Na boca de quem sabe falar até o chumbo vira cortiça”. A passagem é citada de memória e não sei ao certo se está no “Sermão da Sexagésima”, na *História do futuro*, ou em outro texto do ilustre jesuíta.

engenhoso — no qual se engatam habilidades naturais e técnicas artificiais, ambas dimensões a serem dominadas por escritores e oradores — é mesmo capaz de explorar as agudezas mais sutis de certos ângulos das questões, com o fito de alcançar vantagens. Talvez por isso seja possível encontrar na tradição literária ocidental tantos enérgicos detratores da retórica. No século XVII, um bibliotecário de Oxford consignou marcantes passagens acerca dos cultores da referida arte. Com efeito, nas vezes em que se dirigiu aos mestres de eloquência, o inglês Robert Burton não economizou em franqueza. Segundo ele, um orador põe sua língua a serviço de quem pode agraciá-lo com metal sonante; como tal, suas maquinações são as da pior espécie constituindo-se nas mais perigosas, precisamente porque levam ao desencaminho muito mais gente do que são capazes os subornadores convencionais.³⁸ Na mesma Inglaterra algumas décadas depois de Burton, e com semelhante propósito pois a matéria é à prova do tempo, John Locke submeteu a tradição retórica a uma rígida bigorna moral, ao afirmar, em tratado de 1693, que o cometimento de fraude com palavras é mais grave que as fraudes contábeis: porque a verdade possui maior valor que o dinheiro.³⁹

Gracejos, troças e névoas

De fato, o depoimento de Burton não é lisonjeiro e coincide com a opinião corrente de importantes escritores seiscentistas como Thomas Hobbes e Jean de La Bruyère. No século XVII Hobbes foi um dos pensadores a avaliar o “vício olímpico”,⁴⁰ o riso, como uma paixão embaraçosa para o convívio social, como está disposto no Capítulo IX intitulado “As paixões da mente”, seção 13, reflexão integrante de *Os elementos da lei natural e política*.⁴¹ Em alguns de seus demais escritos aparecem passagens acerca do tema nos

³⁸ Robert BURTON. *A anatomia da melancolia*. p. 185.

³⁹ Cf. John LOCKE. “Of the abuse of words”. In: _____. *An essay concerning human understanding*.

⁴⁰ A expressão pertence à magnífica lavra de Nietzsche. Cf. Friedrich NIETZSCHE. *Além do bem e do mal*. p. 177.

⁴¹ Cf. Thomas HOBBS. *Os elementos da lei natural e política*. p. 35ss.

quais ele demonstrou os expedientes de maior eficácia para se produzir fortes argumentos numa conversação entre litigantes, tendo ido colher na teoria clássica do riso algumas ideias bastante promissoras acerca de como cativar e convencer os auditores de debates públicos. De suas leituras sobre o riso o filósofo inglês identificou como as palavras poderiam constituir-se em instrumentos afiados de luta. Ele percebera que uma habilidosa exposição dos oponentes ao ridículo poderia selar a vitória de quem se dispunha a extrair das palavras vários tons de humor, fazendo-os colar na pele dos opositores. E se havia uma crença largamente constituída de que o ridículo é aquilo que merece a justa chancela do riso, ninguém duvidaria de sua eficácia, principalmente quando se tratasse de uma querela em torno de princípios morais e políticos mobilizadores da opinião pública. Na avaliação de Quentin Skinner, “... o riso pode ser usado como uma arma potente em debates legais e políticos”.⁴² E como há muito afirmara Cícero, o orador pode muito bem servir-se dos artifícios prazenteiros da ironia, para mofar com elegância de interlocutores que a ele venham se opor num torneio qualquer de argumentos. Agindo com desenvoltura na exploração adequada de traços de humor, explica Cícero, o expositor de ideias alcançará como resultado maximizante de sua fala o desafogo momentâneo das preocupações dos jurados; o riso tende a dissolver um pouco da solenidade da situação forense e, assim, produzir bons resultados para a causa defendida. Mas há de se atentar às medidas, sabia muito bem o orador, pois quem se utiliza do ridículo com excessiva frequência logo alcança a bufonaria.⁴³ E de tais proporções também dava as regras o espanhol Baltasar Gracián, outro notável especialista em engenhos e agudezas da prosa. Aliás, no plano estrito

⁴² Quentin SKINNER. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. p. 9. Exemplos de como servir-se do riso, e as circunstâncias em que se deve evitá-lo na conversação fidalga, são interessantes os conselhos de Baldassare CASTIGLIONE. “Segundo Livro”. In: _____. *O cortesão*. p. 134ss.

⁴³ Cf. Marco Túlio CÍCERO. *El orador*. p. 66. Sobre o tema e sua presença na tradição retórica antiga e medieval ver o ensaio de Ernst Robert CURTIUS. “Gracejo e seriedade na literatura medieval”. In: _____. *Literatura europeia e Idade Média latina*. p. 436ss. Acerca das vantagens ou dos riscos de se servir de gracejos na conversação, dois textos chamam atenção: Cf. Michel de MONTAIGNE. “De l’art de conferer”. In: _____. *Essais*. p. 917; e Jonathan SWIFT. “Sugestões

da arte da palavra, Gracián fez colar ao termo “agudeza” algumas acepções como, por exemplo, o predomínio de objeto dotado da capacidade de corte e de penetração. Ao que me parece, ao discursar sobre as distinções entre a zombaria e o escárnio Giovanni della Casa igualmente dera boa definição da agudeza, como se se tratasse de movimentos do intelecto, que “assinalam e testemunham a destreza do espírito e dos costumes de quem fala (coisa que agrada sobremodo os homens e os torna queridos e amáveis)”.⁴⁴ No plano do discurso, “agudeza” traz implicações como, por exemplo, uma articulação orgânica dos seguintes elementos: a) do conceito central presente em dada discussão; b) da forma encontrada para a sua expressão e; c) do efeito que se logrou desencadear no plano de uma ação previamente intentada. Dois livros quase homônimos de Baltasar Gracián são especialmente ricos para essas exemplificações.⁴⁵ Portanto, deixar cair um grão de chiste na conversação pode ser bom, posto que um realce dos mais relevantes, afirmou o jesuíta. Mas não se deve usar a chalaça como regra em nenhuma forma de discurso. O estar sempre de gracejos basta para perder os varões discretos. Sem reserva, eles logo se transformam em bestas enfadonhas, em monstros aborrecíveis, dos quais todos fogem mais que do bruto de Esopo, que cortejava a patadas, e lisonjeava a dentadas, observou Gracián.⁴⁶ Com efeito, o gracejador carente de “prontidão e elegância” corre o risco de atrair para si o riso que tencionou dirigir a outros e, nestas ocasiões, refere Della Casa, “...parece que um asno zomba ou que alguém muito gordo e de grandes nádegas dança ou salta sem roupas e de colete”.⁴⁷

A retórica clássica havia sido descoberta pela cultura do Renascimento em praticamente todos os seus fundamentos, incluindo os aspectos relacionados ao humor. A máxima popular de que é rindo que se

para um ensaio sobre a conversação”. In: André MORELLET. *Sobre a conversação*. p. 86s. Para uma obra de síntese sobre o tema, ver Georges MINOIS. *História do riso e do escárnio*.

⁴⁴ Giovanni DELLA CASA. *Galateo ou Dos costumes*. p. 53s.

⁴⁵ Cf. Baltasar GRACIÁN. “Arte de ingenio. Tratado de la agudeza”. In: _____. *Obras completas*; e Baltasar GRACIÁN. “Agudeza y arte de ingenio”. In: _____. *Obras completas*. O primeiro é de 1642, e o segundo de 1648.

⁴⁶ Baltasar GRACIÁN. “El Discreto”. In: _____. *Obras completas*. p. 297.

⁴⁷ Giovanni DELLA CASA. *Galateo ou Dos costumes*. p. 58.

castigam os costumes ganhara ímpeto. A ela se associara a noção de que o riso deveria desempenhar um papel de exemplo moral diante de circunstâncias contrárias ao bem viver. Aristóteles, por exemplo, convencer-se de que o riso era um juiz severo de más atitudes. E o látego da palavra espirituosa passou a ser amplamente louvado também pelos modernos que, inclusive, chegaram a preciosismos como o de encontrar sutilezas de sentido entre termos aparentemente de mesmo significado pois, explica Giovanni della Casa, “... nenhuma diferença há entre escarnecer e zombar, a não ser de proposta e intenção, uma vez que a zombaria é feita por divertimento e os escárnios para prejudicar, ainda que na conversação comum e ao escrever tome-se com bastante frequência um vocábulo pelo outro”.⁴⁸ Desse modo, o bom riso vai no sentido da *hilaritas*, que é o riso simpático e tolerante com as falhas e os defeitos alheios; a este se opõe o riso zombeteiro ou de escárnio (*jocositas*), que simplesmente se deleita com o rebaixamento ou a ruína dos outros. Como disse Della Casa, o primeiro busca trocar visando despertar graça sem gerar prejuízos a quem se almeja atingir; o segundo também deseja produzir diversão, mas sob o custo de prejudicar o objeto visado. A definição de Thomas Hobbes também deu contornos à questão do riso, ao admitir que o riso sem traços de ofensa seria aquele que visasse apenas situações absurdas e os sentimentos de fraqueza humana, em perspectiva ampla e impessoal, e claramente desprovidos de conexões diretas com as pessoas; do contrário, seria uma enfermidade da natureza humana. Em circunstâncias gerais e impessoais, um grupo de pessoas poderia rir juntamente num mesmo diapasão, pois nenhum participante seria visado como o objeto de hilaridade. O resto é sinal de desprezo e vanglória dos que se esforçam em realçar a própria distinção, moralizou o autor seiscentista.⁴⁹

O moralista francês Jean de la Bruyère, escritor seiscentista bastante ocupado com arte retórica, soube valorizar o recurso do riso. Admirador confesso dos gracejos desconcertantes das peças de seu contemporâneo Molière, La Bruyère grifou o valor da energia pulverizante da comicidade. Ao

⁴⁸ Giovanni DELLA CASA. *Galateo ou Dos costumes*. p. 47.

⁴⁹ Cf. Thomas HOBBS. *Os elementos da lei natural e política*. p. 40s.

pintar as imagens mais grotescas da cultura francesa no tempo da realeza solar, considerava La Bruyère que a hilaridade produzida pelas cenas de Molière desencadeava o merecido “castigo do ridículo”.⁵⁰ Na pena de Molière, a sátira literária produzia o efeito de um sabre. A esse mesmo propósito disse um escritor setecentista inglês: “É um velho ditado: o golpe da palavra fere mais fundo do que o golpe da espada”.⁵¹ E os vícios da avareza, da hipocrisia e da vanglória tornaram-se alvos bastante visados pelos artífices do discurso engenhoso. Escritores dados à sátira expunham a natureza humana em seus ângulos mais desconcertantes, como fizeram direta e/ou obliquamente autores como Cervantes e Voltaire, mofando-se de instituições e de pessoas em obras como *Dom Quixote* e *Cândido*. No entanto, fazer espírito às expensas alheias jamais poderá ser considerado uma empresa totalmente segura, regra que ainda parece possuir validade universal. Um “defeito na língua”, lembra Castiglione, acarreta “castigo no corpo inteiro”.⁵² Em verdade, os riscos de uma língua defeituosa sempre foram enormes e há casos em que motejos afiados receberam o freio moderador de uma lâmina destinada a promover estragos. Por isso mesmo advertiu o autor de *A anatomia da melancolia*, gracejar com os poderosos no simples intuito de extrair alguns gramas de diversão acarreta perigos e imprevistos, para atuar nesse terreno, há de se resguardar com muito juízo e cautela. Como conta o próprio Burton em seu impressionante tratado acerca dos ‘desparafusados’ de todos os tempos, “O Imperador Tibério reteve um legado do povo de Roma, que seu predecessor Augusto havia pouco tempo o concedera, e, ao perceber que uma figura sussurrava ao ouvido de um cadáver, quis saber por que o fazia; a figura respondeu que desejava que a alma que partia informasse a Augusto que o povo de Roma ainda não fora pago; por causa desse gracejo mordaz, o Imperador ordenou que fosse morto e contasse ele próprio as

⁵⁰ Jean de LA BRUYÈRE. *Les caractères ou les mœurs de ce siècle*. p. 45s.

⁵¹ Robert BURTON. “Escárnios, calúnias e gracejos mordazes, como causam melancolia”. In: ----. *A anatomia da melancolia*. p. 282.

⁵² Baldassare CASTIGLIONE. “Segundo Livro”. In: _____. *O cortesão*. p. 146.

novidades”.⁵³ Talvez aqui Burton amplificasse uma conhecida passagem dos escritos sapienciais de Sêneca, em que o antigo moralista afirmava ser a loquacidade e a necessidade de produzir espírito forças que muito rapidamente carregaram à sepultura.⁵⁴ Fez coro às prudentes palavras de Burton o muito sagaz escritor oitocentista Schopenhauer, ao avaliar os riscos inerentes à sátira. Para ele, recursos satíricos requerem uma manipulação semelhante à requerida na álgebra, o que significa fazer uso apenas de “valores abstratos e indeterminados”. E sentencia para real proveito dos incautos: “No caso de homens vivos ela deve ser evitada, tanto quanto os exercícios de anatomia; sob pena de arriscar a pele e a vida deles”.⁵⁵ Decerto que Schopenhauer metaforiza a situação decerto prevendo as possíveis reações do aludidos “homens vivos”.

Ressaltar que o oponente dá mostras de ignorar o assunto em tela é outro expediente certo para alcançar êxito persuasivo numa discussão pública. Já Aristóteles chamava a atenção para o receio que, no geral, as pessoas possuem em revelar sua ignorância a propósito de qualquer matéria. “Certo efeito”, dizia ele, “é produzido sobre o ouvinte pelas fórmulas de que os logógrafos usam à saciedade: ‘Quem não sabe? Todo o mundo sabe’. O ouvinte aquiesce por vergonha, para não dar a impressão de ignorar o que todos os outros sabem”.⁵⁶ Sem dúvida, poucos são os que não relutam à exposição pública de sua ignorância. Agindo assim, procedem como os que, ao receberem um ferimento, fogem do médico, recusando o tratamento, como disse Plutarco: “... assim, quem não expõe a sua ignorância à palavra aguda e cortante para cicatrizar e acalmar deixa a filosofia ferido e com dores, sem nada ter aproveitado”.⁵⁷ A lição moralizante de Plutarco: a palavra que fere é o próprio instrumento da cura. O receio de exhibir desconhecimento de causa em pleno debate público é situação da qual todos desejam escapar. Se o

⁵³. Robert BURTON. “Escárnios, calúnias e gracejos mordazes, como causam melancolia”. In: ----. *A anatomia da melancolia*. p. 286. Volume II.

⁵⁴. “A preocupação com a eloquência e a necessidade de mostrar talento tirou o sangue de muitos!”. Lúcio Anneo SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. p. 28.

⁵⁵. Arthur SCHOPENHAUER. “Sobre a escrita e o estilo”. In: ----. *A arte de escrever*. p. 68.

⁵⁶ ARISTÓTELES. *Arte retórica*. p. 204.

⁵⁷ Cf. PLUTARCO. *Como ouvir*. p. 54.

interlocutor-adversário for exposto à circunstância semelhante, as probabilidades de que naufrague em uma discussão são imensas, ainda que o triunfador não possua a seu favor qualquer razão mais consistente. Excelente exemplo de tal situação foi dado pelo historiador alemão Reinhart Koselleck. Ele descreve o blefe aplicado pelo historiógrafo Raumer em Oelssen, então chefe de departamento do Ministério das Finanças da Suábia. Corria o ano de 1811 e ambos ocuparam lugares opostos na Conferência de Charlottenburg. Contrário à emissão de papel moeda para o pagamento das dívidas do Estado, Ralmer rebateu Oelssen alegando que, no mundo antigo, Tucídides havia demonstrado os malefícios causados a Atenas pela emissão de papel moeda como recurso para estancar as dívidas públicas. Oelssen, até então entusiasmado defensor daquele expediente, aquiesceu prontamente à contra argumentação do colega. Mas não sem agradecer vivamente a Ralmer, por recordar-lhe de uma informação tão valiosa e oportuna. O aspecto anedótico do golpe de erudição aplicado por Ralmer fica por conta de o graduado Oelssen não ter atinado que papel moeda fora artefato completamente desconhecido na Antiguidade. Deixando-se convencer para salvar as aparências de seu conhecimento perante os pares, Oelssen concedeu a Ralmer um triunfo fácil.⁵⁸ Vencer um debate sem ter razão, eis a regra de Schopenhauer em uma demonstração histórica.

Outra ferramenta a prestar grandes serviços em tal seara consistiria em cobrir as palavras de obscuridade, tornando-as domínio exclusivo de especialistas. A este propósito cabe a antiga lição de Aulo Gélío, a advertir contra os expedientes capciosos dos retores de linguajar hermético: “Servir-se de palavras demasiado obsoletas e calcadas ou não habituais e duma novidade dura e desagradável parece ser falta igual. Mas mais molesto decerto e mais culpado julgo ser pronunciar palavras novas, desconhecidas, inauditas, do que as não divulgadas e sórdidas. Ora, novas digo parecerem também aquelas que são inusitadas e desusadas, mesmo se são vetustas”.⁵⁹

⁵⁸ Cf. Reinhart KOSELLECK. “*Historia magistra vitae*. De la dissolution du topos dans l’histoire modern en mouvement”. In: _____. *Le futur passé. Contribution à la sémantique des temps historiques*. p. 37.

⁵⁹ Aulo GÉLIO. *Noites áticas*. p. 380.

Ao lançar névoas em seus discursos, afirmou Locke, os oradores embaralham a significação dos termos. Esses “doutores profundos” — Locke se referia aos escolásticos medievais e a seus epígonos modernos —, esses fabricantes de palavras difíceis campeiam à solta no domínio de uma linguagem erudita sem nexos com a realidade. O intento de tais fanfarrões da palavra é disputar honras que a ninguém mais trazem proveito, a não ser a sua própria vanglória.⁶⁰

Retórica das virtudes

Congregando tantos elementos, a retórica política fora concebida como o discurso de primeiro plano. No mundo antigo, ela era dirigida à coletividade, ocupando-se dos assuntos da esfera de interesse do Estado. Já a retórica literária destinava-se à fruição filosófica ou poética em particular. Em sua vocação de persuadir e mobilizar fica evidente que, desde a Antiguidade, a retórica política tingiu-se de dimensões éticas. Aos que se aplicavam à obtenção de resultados, o esforço de persuadir ultrapassou a tarefa de meramente convencer. Isso porque a persuasão avança consideravelmente sobre a convicção. Seu diferencial está em acrescer a convicção da potência necessária que desencadeará a ação dos estadistas e dos líderes militares. Exemplos de expedientes eficazes na produção de discursos políticos podem justamente ser procurados entre os sábios versados na arte da guerra. Oradores militares como César e Napoleão deram provas muito convincentes do poder arrebatador das palavras, especialmente quando desembainhadas nos campos de batalhas. Ambos fizeram com que seus exércitos marchassem com destemor, sob uma série de promessas, como a esperança de glória para a posteridade. Nessa particular situação de combate, o orador arma-se de sua própria língua e, tomando-a como instrumento marcial diante de suas tropas, inflama a coragem em seus bravos e, assim

⁶⁰ Cf. John LOCKE. “Of the abuse of words”. In: _____. *An essay concerning human understanding*.

procedendo, abre o caminho rumo às conquistas que idealizou.⁶¹ Por isso mesmo é experiência recorrente nos textos de *ars rhetorica* deparar-se com exigências de que tal ofício deveria servir para silenciar os vícios e amplificar as virtudes, consagrando-se a um ideal de defesa convicta e até mesmo rígida da verdade e da justiça. Platão, Aristóteles e Cícero são expressões paradigmáticas de tais exigências como cabedal do orador. Eles sabiam do potencial destrutivo da retórica política, usina geradora de consequências nem sempre controláveis. Segundo eles, a retórica política, e a retórica em geral, destinavam-se a produzir a virtude cívica, instrumento de ação contra as astúcias dos insensatos e dos ambiciosos. Nas amplas definições de Aristóteles, a retórica seria uma âncora de espécie moral. “A Retórica é útil, porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que seus contrários”, enfatizou o Estagirita. “Donde se segue que, se as decisões não forem proferidas como convém, o verdadeiro e o justo serão necessariamente sacrificados: resultado este digno de censura. (...) Enfim, é preciso estar à altura de persuadir o contrário de nossa proposição, do mesmo modo que nos silogismos; não para nos entregarmos indiferentemente às duas operações — pois não se deve persuadir o que é imoral — mas para ver claro na questão e para estarmos habilitados a reduzir por nós mesmos ao nada a argumentação de um outro, sempre que este em seu discurso não respeite a justiça.”⁶²

Para Cícero, a retórica seria uma espécie de sócia de uma moral inflexível, moral esta vocacionada à promoção do bem público, uma vez que tal arte destinava-se a produzir a maior glória de Roma. Para ele, o dom da palavra deveria atuar como uma espécie de freio ético, para inibir os movimentos desencadeados pela ambição e pela insensatez. Mas bem antes de Cícero outro “perito” da palavra, o ateniense Demóstenes, já ressaltava os comprometimentos cívicos da retórica política. Desconstruindo as falsificações e os embustes contidos na denúncia de Ésquines, que quis

⁶¹ Acerca do gênero arengas militares, ver as considerações de Jacob BURCKHARDT. “Imitação da Antiguidade, epistolografia e discussão”. In: _____. *A civilização do Renascimento italiano*. p. 181.

⁶² ARISTÓTELES. *Arte retórica*. p. 20s.

retirar-lhe os méritos de sua dedicação patriótica a Atenas nos tempos da dominação macedônia, comprova-se o gênero dos comprometimentos do orador em torno da *ars rhetorica*, arte esta que deve necessariamente engajar o cidadão a exibir todo o valor de suas ações virtuosas na realização dos interesses supremos da cidade, então a única forma concebível de existência coletiva. “A *polis*, considerada como forma definitiva da vida política e espiritual”, afirma Jaeger, “é o dado fundamental da história grega nos séculos que vão de Homero a Alexandre. (...) A juventude de Demóstenes coincidiu com a época de ressurgimento do Estado ateniense, depois do catastrófico desfecho da guerra do Peloponeso”.⁶³

Pelo ângulo dos platônicos e de seus simpatizantes, o orador seria sempre um homem livre, desde que atuasse para defender o bem. Desse modo, a sua arte consistiria em utilizar as ferramentas capazes de guiá-lo na direção dos empreendimentos elevados, encarnando assim a condição de bússola moral da sociedade. Nesse sentido, afirma-se que a grandeza de Cícero foi produzida por algumas circunstâncias peculiares de sua época. A conspiração de Catilina e outras situações não menos complexas da história de Roma formaram o contexto destinado a nutrir a figura do distinto orador nos embates pela afirmação do interesse público, da mesma forma que a expansão macedônia nos tempos de Filipe ajudou a delinear a grande figura de Demóstenes, conforme é sublinhado por Werner Jaeger. Para o pesquisador alemão, na ausência de um adversário como Filipe da Macedônia, que o forçou a colocar em prática a sua compreensão profunda e visão de longo alcance, fazendo-o tomar decisões coerentes com o seu incontornável projeto de liberdade de Atenas, Demóstenes não teria sido Demóstenes, naqueles predicados que a história exalta.⁶⁴ Portanto, à figura histórica de oradores memoráveis agrega-se uma reputação ilibada, junto com uma força de vontade que nunca desanima, mesmo diante de circunstâncias consideradas as mais hostis.

⁶³ Werner JAEGER. *Paideia*. A formação do homem grego. p. 1378s.

⁶⁴ Werner JAEGER. *Paideia*. A formação do homem grego. p. 1394.

O exemplo mais ilustrativo de tal condição, e que é dado mais comumente, é o de Sócrates, de quem se diz que um senso notável de retidão sempre o guiou na trilha da justiça. Mas, ainda assim, esse herói filosófico fica um pouco desbotado no plano da história da retórica política, quando se recorda que ele não insistiu na própria defesa diante de uma condenação injusta, mantendo-se firme na intenção de seguir estritamente as leis de sua cidade, mesmo depois de lhe lembrarem que estas leis eram flutuantes, segundo certas circunstâncias, e que nem sempre eram acatadas por aqueles que as promulgavam.⁶⁵ No entanto, há quem faça troça das virtudes cívicas socráticas. Segundo Luciano de Samósata, depois de ser assassinado por um tribunal democrático em Atenas — que se impacientara com a sua valente língua —, faltava bem pouco para esse herói filosófico ser novamente condenado na Ilha dos Abençoados. O rei da localidade agastara-se com o eterno palavrório do impenitente afiador do verbo, a transformar o paraíso em espaço para o livre exercício da dúvida.⁶⁶ Também Nietzsche se aplicou em dar-lhe umas alfinetadas ao lembrar que a intranquilidade gerada por Xantipa tornou-lhe a vida doméstica um mundo inóspito. Em verdade, a azeda Xantipa era a mulher necessária: gerou um espírito ambulante que não teria sido tão livre se não tivesse que se ausentar de casa com tanta regularidade: “ela o ensinou a viver nas ruas e em todo lugar onde se pudesse prostrar e exercer o ócio, e com isso o transformou no maior dos dialéticos de rua de Atenas”.⁶⁷ Foi assim que se criou o impertinente moscardo, que pela vontade de um deus colou-se ao pescoço da bela montaria ateniense, impedindo o seu repouso, arremata.

Como se sabe, Sócrates e Platão foram adversários da retórica sofística, pois a suprema vocação da palavra filosófica é a de desentranhar enredos dissimulados.⁶⁸ Mas, para ambos, não se tratava de opor-se às boas

⁶⁵ Ver Kenneth MINOGUE. “Os gregos antigos: como ser um cidadão”. In: _____. *Política*. p. 19.

⁶⁶ Ver: Luciano de SAMÓSATA. *A história verdadeira*. p. 63. Sobre a crítica ao consagrado destemor de Sócrates, ver o Diálogo IV, Menipo e Cérbero, em: Luciano de SAMÓSATA. *Diálogos dos mortos*.

⁶⁷ Friedrich NIETZSCHE. *Humano, demasiado humano*. p. 211.

⁶⁸ Acerca da crítica socrática à retórica, e a lição prática oferecida por Sócrates, cai muito a propósito a análise de Donald SCHÜLER. “O poder da palavra”. In: _____. *Origens do discurso*

formas da linguagem. Os problemas com a retórica não se encontravam nas questões de ordem estética, mas nas dificuldades propositalmente criadas no plano da linguagem para o discernimento da verdade. Por isso mesmo Sócrates ironizou a retórica no diálogo *Fedro*, precisamente na quadra em que a faz jactar-se pela exibição de suas galas: “Eis por conseguinte o que declaro solenemente: o que estiver de posse da verdade nem por isso a conseguirá impor sem recorrer à arte da persuasão!”⁶⁹ Séculos mais tarde, e com toda a circunspeção de um professor de retórica, Quintiliano diria o mesmo, mas no intuito de afirmar um sentido positivo: “... todos os que saibam o que dizer”, afirmou ele, “e do modo como haja de ser dito, se não possuírem eloquência, tendo-a em guarda e pronta para todas as eventualidades, permanecerão deitados em cima de tesouros inacessíveis”.⁷⁰ Com efeito, segundo os argumentos de Werner Jaeger em seu extenso estudo sobre o *Fedro*, obra em boa medida direcionada à formação dos que se dedicariam à eloquência prática e à eloquência gráfica, Platão “Nega que a retórica seja uma arte no sentido estrito do termo e considera-a uma simples rotina, falha de qualquer base material. Só pode converter-se em verdadeira *arte* com a condição de se apoiar no conhecimento da verdade”.⁷¹

O ouro falso dos oradores

Nesse plano, Platão não desconsiderava a flexibilidade de concepções do bem e do mal. Para ele, noções em torno de tais conceitos podiam flutuar ao sabor diversificado do padrão moral das pessoas. São essas variações de ânimo no vasto campo das moralidades políticas as circunstâncias geradoras de um ambiente ideal para as denominadas “redescrições paradiastólicas”

democrático. p. 75ss. Acerca da rivalidade mas também simbiose entre retórica e filosofia, ver: Marc FUMAROLI. “Préface”. In: _____. (Org.). *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne*. 1450-1950. p. 4.

⁶⁹ Cf. PLATÃO. *Fedro ou da beleza*. p. 89.

⁷⁰ Marco Fábio QUINTILIANO. *Instituciones oratorias*. p. 446. Volume II.

⁷¹ Cf. Werner JAEGER. *Paideia*. A formação do homem grego. p. 1262s.

que, segundo Aristóteles, no discurso deliberativo ou no judiciário, consistem na arte de tornar mais forte a causa mais fraca, bastando fazer a mentira soar distintamente. Então, quando empregadas boa técnica e boa arte, ardis retóricos prestam-se muito bem a colorir patranhas de tons agradáveis. Com sutis artimanhas, retalhos e farrapos rendem um belo manto de falsidades. É assim que se encobre uma causa de êxito improvável em rica tapeçaria, extraindo-se os proveitos ambicionados, segundo os princípios firmados por Protágoras: “... tornar mais forte o argumento inferior”.⁷² Protágoras fundava-se na possibilidade de que dado assunto sempre oferecia duas possibilidades argumentativas.⁷³ Aristóteles centrou fogo nas técnicas desenvolvidas por Protágoras, que prometia transformar o breu em luz. Ainda que as pessoas comuns soubessem perfeitamente a cor da neve, sempre houve gente sutil o bastante para provar que ela era preta.⁷⁴

Por sua vez, o sofista siciliano Górgias, que se radicou em Atenas, tecia encômios aos recursos da retórica, capaz de agir em áreas nas quais a própria fala dos especialistas era ineficaz. Aconselhado por seu médico, afirmou o sofista, o paciente não se animou a buscar tratamento; mas o fez assim que foi persuadido por um retórico. Segundo a explicação de Giambattista Vico para essa cena, o alcance das palavras do retórico é maior do que o do especialista. Ele não está preocupado em ensinar a verdade: apenas emprega palavras agradáveis que despertem prazer e emoção. Agindo assim, o sofista alcança resultados surpreendentes pois explora dimensões discursivas que o profissional da saúde não possui em seus horizontes e, portanto, é incapaz de compreender e explorar como recurso de sua terapêutica.⁷⁵ Por sua vez, Platão havia aplicado alguns golpes vigorosos nessa espécie de ilusionistas. No *Fedro*, abordou com vagar as artimanhas de

⁷² Aulo GÉLIO. *Noites áticas*. p. 205.

⁷³ Acerca de suas antilogias ver: Albin LESKY. “Os sofistas e os começos da oratória artística”. In: _____. *História da literatura grega*. p. 376.

⁷⁴ Cf. ARISTÓTELES. *Arte retórica*. p. 181. Acerca do tema das redcrições morais, ver especialmente o estudo de: Quentin SKINNER. Ambigüedad moral y el arte de la elocuencia del Renacimiento. In: Enrique BOCARDO CRESPO. (Org.). *El giro contextual*.

⁷⁵ Cf. Giambattista VICO. *Elementos de retórica*: El sistema de los estudios de nuestro tiempo y Principios de oratoria.

fazer com que a mesma coisa pareça aos cidadãos ora justa ora injusta, ora imóvel ora em movimento.⁷⁶ E Luciano de Samósata, com plena certeza um dos maiores entendedores de arte retórica de que a história intelectual tem registro, demonstrou com que malabarismos de raciocínio o espertalhão Sóstrates fora poupado de atravessar o Hades, de onde ninguém nunca havia escapado.⁷⁷ O diálogo “O elogio da mosca” é igualmente ilustrativo das eloquências superlativas dos adoxógrafos, capazes de tecer loas aos ratos, à peste e, inclusive, ao vômito, pois no campo de matérias insólitas abundam toda sorte de raciocínios originais, ainda que “insignificantes e fúteis”, segundo a crítica de Isócrates.⁷⁸ Por isso mesmo é que se torna muito difícil não dar razão a Prometeu contra as sanções impostas por Júpiter.⁷⁹

É bom lembrar que Luciano havia se aplicado à retórica, no que alcançou pleno êxito naqueles fundamentos tão perseguidos desde sempre: dinheiro e fama.⁸⁰ Um dos exercícios retóricos mais críticos de Luciano é, porém, aquele que combate diretamente as falácias dos mestres de tal arte. Alguns comentadores se referem a este texto de Luciano como o fruto amargo de uma pendência com Julius Pollux, que lhe arrebatara o preceptorado de Cômodo, filho de Marco Aurélio. Com efeito, o texto evidencia o desempenho de um *retor*, a dar lições a um jovem. Ensina-se, principalmente, a arte de lançar poeira aos olhos do auditório, para conquistá-lo com engenhosidades desprezadas pela boa fé. A calúnia, por exemplo, é um dos “ingredientes” chamados a prestar serviços à retórica: serve para polir a insolência e lustrar a zombaria, elementos de sedução dos auditores.⁸¹ A que me parece, todos esses argumentos podem ser resumidos pelo raciocínio do humanista veneziano Luigi Alvisé Cornaro: a função da

⁷⁶ Cf. PLATÃO. *Fedro ou da beleza*. p. 92.

⁷⁷ LUCIANO. *Diálogos dos mortos*. p. 179s.

⁷⁸ O argumento é apontado por Nietzsche. Cf. Friedrich NIETZSCHE. “Descripción de la retórica antigua”. In: _____. *Escritos sobre retórica*. p. 151.

⁷⁹ Ver: Luciano de SAMÓSATA. “Elogio de la mosca”. In: _____. *Obras I*. p. 104ss; e Luciano de SAMÓSATA. “Prometeo o el Cáucaso” In: _____. *Dialogos*. p. 83ss.

⁸⁰ Ver as considerações de Cristóbal VIDAL. “Noticia preliminar”. In: Luciano de SAMÓSATA. *Dialogos*. p. 8.

⁸¹ Ver: Lucien de SAMOSATE. “Maître de rhétorique”. In: _____. *Oeuvres complètes*.

eloquência é dizer coisas belas, e há uma grande força no homem de inteligência elevada, pois é capaz de fazer crer na verdade de coisas que não são nem nunca poderiam ser verdadeiras.⁸²

O fato que de nenhum modo fica encoberto é que a palavra dissimulada provocou reações de diversa ordem no interior da república filosófica ocidental, como a intervenção de Thomas Hobbes, autor dos mais atentos às questões relacionadas aos sentidos de toda espécie de discurso, fossem eles o teológico, o poético, o histórico, o político etc. No *Leviatã*, que em sua essência é um tratado sobre linguagem, ele alerta acerca da necessidade de acautelar-se com as palavras pronunciadas uma vez que para além dos sentidos daquilo que imaginamos, elas possuem um significado derivado “da natureza, disposição, e interesse do locutor”. É bem isso que sucede com os conceitos dos vícios das virtudes, assegura Hobbes, pois para alguns a sabedoria é precisamente aquilo que outros denominam temor; a crueldade pelo crivo de outras pessoas que a tenham em consideração será a própria justiça, assim como a prodigalidade pode travestir-se de magnanimidade, e gravidade da pura estupidez, e assim por diante. E o autor conclui: “... portanto, tais nomes nunca podem ser verdadeiras bases de qualquer raciocínio”.⁸³ E o moralista francês Jean de la Bruyère reagiu até mais vigorosamente do que Hobbes às tentativas de conciliação dos opostos no campo das virtudes e vícios. Para tanto, expressou-se em sua famosa radiografia do comportamento humano, o seu livro intitulado *Os caracteres*. O orador faz tão belas imagens de certos desregramentos, dizia La Bruyère, chegando ao ponto mesmo de descobrir em aberrações morais aspectos requintados e por isso tão preciosos. Em matérias já em decomposição, porém ardidamente borrifadas com finas fragrâncias, o orador vai descobrindo tamanha perfeição de espírito, tamanha sutileza e tamanha acuidade em rematados prevaricadores, que até o crente mais profundamente imbuído de espírito cristão necessitaria de um apóstolo para infundir nele uma consistente repulsa face aos vícios dos quais se pintou uma imagem tão

⁸² Ver: Alvisi CORNARO. *Tratado da vida sóbria*.

⁸³ Thomas HOBBS. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. p. 26.

agradável.⁸⁴ Com efeito, isso faz recordar uma aguda reflexão de Montesquieu acerca de tais velhacos, posto que considera ser “o suprassumo da vigarice saber introduzir a probidade em sua arte”.⁸⁵

Retórica do prazer

Assim, uma avaliação quanto aos modos de proceder diante de uma realidade dada pode passar a depender da natureza do fim que se tenciona produzir. Por esse ângulo, mais valeria expressar-se com desenvoltura do que defender a justiça de uma causa. Como lembrava apropriadamente um célebre autor antigo, as pessoas tendem a se deixar levar por um sentido muito bem definido de zelo quando chamadas a agir diante de circunstâncias que podem lhes parecer mais convenientes: “Diremos ainda que ninguém procura o bem em geral, e que todos procuram seu bem particular”.⁸⁶ E é sabido também que o realismo político é criação nascida com a própria política, sendo, portanto, obra de todos os tempos, o que é dito e provado por antiga e vasta tradição literária, como se pode perceber nos debates travados entre Sócrates e a trindade sofística platônica: Górgias, Polo e Cálicles.

O sofista Górgias concebia sua arte como um instrumento para ser bem utilizado. Mas Sócrates o questionara acerca da própria noção do bem ao demonstrar, inclusive, que a noção de bem dos retóricos poderia coincidir com a cobiça e a vaidade. Isso porque não fundamentava a retórica dos sofistas nenhum princípio ético, tal qual argumentado por Luciano de Samósata, ao retratar em um de seus numerosos diálogos as sofistarias de Trasicles, “o primeiro dentre os adularesdes e o mais ágil em perjúrios”, de quem se diz que “a falsidade o precede, e a falta de vergonha o segue”.⁸⁷ Para Sócrates, tal arte retórica era capaz apenas de deleitar os ouvidos, da mesma

⁸⁴ Cf. Jean de LA BRUYÈRE. *Les caractères ou les mœurs de ce siècle*. p. 465s.

⁸⁵ MONTESQUIEU. *História verdadeira*. p. 30.

⁸⁶ ARISTÓTELES. *Arte retórica*. p. 91.

⁸⁷ Cf. Luciano de SAMÓSATA. “Timón o el misantropo”. In: _____. *Diálogos*. p. 64s.

forma como a culinária era mera arte voluptuária, para o simples regalo do estômago. Portanto, a retórica não passava de uma atividade rotineira da vida, incapaz de conduzir a ideais elevados na experiência da vida na cidade.

Discípulos de Górgias, Polo e Cálicles não se acanharam em afirmar que problemas de ordem moral de fato não compunham a grade de ocupações da retórica, e menos ainda quando estivessem em jogo interesses de maior monta. Os direitos da força e da violência foram declarados vigorosamente por Cálicles. Segundo ele, o mais forte deve abrir seu caminho servindo-se de “expedientes extraordinários” (a força e a violência), conforme a caracterização encontrada por Maquiavel séculos mais tarde, para definir a sua lógica da economia da violência e justificar a sublimidade dos fins alcançados pelo governante em sua livre esfera de atuação. A própria lei natural imporá os direitos dos mais fortes, pondera Cálicles no referido diálogo platônico. Então, os fortes poderiam e necessariamente deveriam prosperar por cima dos fracos sendo que assim procedendo apenas seguiam a lei da natureza. O seu caminho de conquistas começava ao espezinhare as leis da Cidade, esta rede com a qual tentavam embaraçar-lhes os movimentos.

Afinal, o que representam as leis artificiais para o estadista retórico? Cálicles as definiu como uma trama de costumes vagos, um cipoal de regras para estrangular os talentos, enfim, um emaranhado contraditório de letras, tudo concebido para o favorecimento dos fracos e, portanto, em desacordo com a natureza.⁸⁸ “Se, em vez de serem guiadas pela filosofia”, reflete Christopher Taylor acerca da forma como Górgias e seus seguidores foram desarmados e encurralados por Sócrates, “as vidas das pessoas são

⁸⁸ Acerca do Górgias platônico, além das extensas análises de Werner Jaeger, ver também os comentários de Alasdair MACINTYRE. “Platón: el *Gorgias*”. In: _____. *Historia de la ética*; Carlo GINZBURG. “Introdução”. In: _____. *Relações de força*. História, retórica, prova; Marina MCCOY. “A competição entre filosofia e retórica em *Górgias*”. In: _____. *Platão e a retórica de filósofos e sofistas*; Alfonso REYES. *La antigua retórica*; José Rico VERDU. “La retórica hasta el siglo XVI”. In: _____. *La retórica española de los siglos XVI y XVII*; e Olivier REBOUL. “Origens da retórica na Grécia. A retórica e os sofistas”. In: _____. *Introdução à retórica*.

governadas pela retórica, o resultado é a substituição da busca do bem pela busca do prazer, uma situação que pode levar ao caos moral ...”.⁸⁹

Em uma atmosfera de alta volatilidade, como recorrentemente se afigura o campo das experiências políticas, é um tanto previsível que algumas substâncias possam ser transformadas com mais facilidade em outras, logo que providas de sentidos diversos, pela capacidade argumentativa de alguns autores. É o que ocorre no espaço de ação da retórica política. Dominado por oradores hábeis, e dependendo do ângulo de percepção dos auditores, um discurso político pode tanto ressaltar as dimensões virtuosas como realçar as particularidades viciosas de determinadas ações dadas como necessárias ou indesejáveis ao interesse comum. De fato, da mesma forma que a retórica política serviu para estimular as ações heroicas frente à guerra iminente diante de um invasor, prestou-se muitíssimo bem para acobertar a fraude e a estimular o crime de facções sediciosas. E como o bem e o mal serão percebidos? Ao que parece, tudo dependerá das habilidades do orador diante daqueles a quem ele tente convencer e mobilizar. Para recordar uma vez mais o escritor Jean de La Bruyère, o principal mérito de um orador é a sua probidade. Carente de probidade, o orador é mero declamador de sentenças, que pode tanto falsificar os fatos quanto caluniar as pessoas haja vista que a energia que o move são as paixões daqueles em nome de quem fala. Desprovido de probidade moral, o orador pertencerá àquela espécie de advogados de quem se diz que são remunerados para pronunciar injúrias.⁹⁰

Concebida na Grécia como técnica e arte do discurso público, esta vocação da retórica declinou sensivelmente, ao menos desde o fim da república romana. Nascida das necessidades da ordem política, as razões particulares de sua desagregação e colapso também devem ser atribuídas à atmosfera instável da própria política. Desalojada de seu ambiente natural pelos césores, despojada de suas virtudes e serventias primevas por formas de poder político que passaram a aceitar apenas o louvor de si, condenada a sobreviver em ambiente moralmente degradado, ainda assim a retórica

⁸⁹ Christopher TAYLOR. “Sócrates e os sofistas”. In: _____. *Sócrates*. p. 89.

⁹⁰ Cf. Jean de LA BRUYÈRE. *Les caractères ou les mœurs de ce siècle*. p. 436s.

clássica encontrou os meios necessários para prosseguir em sua milenar carreira. Entre muitas mortes e ressurreições, infiltrou-se na tradição literária ocidental, instalando-se com os seus predicados sedutores em praticamente todos os gêneros da arte escrita. Os textos históricos e políticos modernos foram particularmente abastecidos com os seus antigos engenhos, irrigados por uma série de talentosas figuras, algumas delas apresentadas neste ensaio. E se a presença marcante de antigos lugares comuns em autores dos séculos XVI e XVII contribui para o mascaramento dos sentidos intentados nos textos desses passados distantes, são precisamente esses efeitos de complexidade os elementos que lançam os maiores desafios à compreensão de discursos que, por vezes, parecem-nos tão cheios de códigos. Como lembra a esse propósito Peter Gay, as palavras do passado foram dirigidas a interlocutores específicos, e a chave para a decifração de seus sentidos originais foi perdida em algum ponto, daí resultando a opacidade reinante no terreno das significações.⁹¹ E se em meio ao trabalho interpretativo desconhecemos as normas linguísticas de uma cultura, estejam elas em estruturas explícitas ou implícitas, aumenta-se o risco de interpretar erroneamente textos que seguiam regras de composição há muito abandonadas.⁹² Então, quando na leitura dos textos antigos reinarem os sentidos da incompatibilidade e da estranheza, o estudo da arte retórica poderá vir a ser uma navegação instrutiva. O reconhecimento das singularidades de antigas formas de discurso permite aproximações promissoras do intérprete de sentidos já desfeitos pelo tempo, bem como a instrução filosófica e a compreensão histórica. Afora tais consequências, mais condizentes com a ordem formal da pesquisa acadêmica, o estudo da retórica também pode ser fonte de inspiração ao acolhimento de uma sabedoria que ronda nossas experiências de vida. Como disse o teórico das agudezas, a língua é como uma fera; uma vez solta, é muito difícil aprisioná-la. Com tais termos, teve a intenção de ensinar que o bem dizer é o encontrar logo a matéria do assunto, pois o ser breve será sempre a melhor forma de expressão de todos os temas.⁹³

⁹¹ Cf. Peter GAY. “O estilo, da maneira à matéria”. In: _____. *O estilo na história*. p. 28s

⁹² Cf. Peter BURKE. “A história social da linguagem”. In: _____. *A arte da conversação*. p. 31

⁹³ Cf. Baltasar GRACIÁN. “Oráculo manual y arte de prudência”. In: _____. *Obras completas*.

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte retórica*. São Paulo: Difel, 1964.
- BARTHES, R. “A retórica antiga”. In: _____. COEHEN, J. *et al. Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BURCKHARDT, Jacob. Imitação da Antiguidade, epistolografia e discussão. In: _____. *A civilização do Renascimento italiano*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- BURKE, P. A história social da linguagem. In: _____. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- BURTON, R. Escárnios, calúnias e gracejos mordazes, como causam melancolia?. In: _____. *A anatomia da melancolia*. Curitiba: Editora da UFPR, 2012.
- BURTON, R. *A anatomia da melancolia*. Curitiba: Editora UFPR, 2011.
- CABRERA DE CÓRDOBA, Luis. Libro Segundo de Historia, Discurso XVIII, Del estilo y elegância del historiador. In: _____. *De Historia, para entenderla y escribirla*. Madri: Instituto de Estudios Políticos, 1948.
- CASTIGLIONE, Baldassare. Ao reverendo e ilustre senhor Dom Michel da Silva, bispo de Viseu. In: _____. *O cortesão*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CASTIGLIONE, Baldassare. Segundo Livro. In: _____. *O cortesão*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CÍCERO, M.T. *Dos deveres (De Officiis)*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- CÍCERO, M.T. *El orador*. Madrid: Alianza Editorial, 2010.
- CORDIÉ, Carlo. Introdução. In: CASTIGLIONE, Baldassare. *O cortesão*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORNARO, Alvisi. *Tratado da vida sóbria*. Lisboa: Antígona, 1999.
- CURTIUS, E.R. Gracejo e seriedade na literatura medieval. In: _____. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- DELLA CASA, Giovanni. *Galateo ou Dos costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- DEMÓSTENES. Oração à coroa. In: PORTO SOBRINHO, Faustino. (Org.). *Antologia da eloquência universal, de Péricles a Churchill*. Rio de Janeiro: Muniz Editora, 1961. DESCARTES, R. “Primeira parte”. In: _____. *Discurso do método*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- DESCARTES, R. *O pensamento vivo de Descartes*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.
- FÉNELON, F. Dialogues sur l'éloquence en general et sur celle de la chaire en particulier. In: _____. *Oeuvres de Fénelon*. (Livro II). Paris: Firmin Didot Frères, 1857.
- FUMAROLI, Marc. Introduction: pour une histoire de la rhétorique. In: _____. *L'âge de l'éloquence, rhétorique et “res litteraria”, de la Renaissance au seuil de l'époque classique*. Genève: Droz, 2009.
- FUMAROLI, Marc. Préface. In: _____. (Org.). *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne. 1450-1950*. Paris: PUF, 1999.
- GAY, P. O estilo, da maneira à matéria. In: _____. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GÉLIO, A. *Noites áticas*. Londrina: EdueL, 2010.
- GINZBURG, Carlo. Introdução. In: _____. *Relações de força*. História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GRACIÁN, B. Agudeza y arte de ingenio. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Cátedra: 2011.
- GRACIÁN, B. Arte de ingenio. Tratado de la agudeza. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Cátedra: 2011.
- GRACIÁN, B. El Discreto. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Cátedra: 2011.
- GRACIÁN, B. Oráculo manual y arte de prudencia. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Cátedra: 2011.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção *Os pensadores*).
- HUME, D. Da eloquência. In: _____. *Ensaio morais, políticos & literários*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2004.
- JAEGER, W. *Paideia*. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- KRISTELLER, P.O. La filosofía y la retórica de la Antigüedad al Renacimiento. In: _____. *El pensamiento renacentista y sus fuentes*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- LA BRUYÈRE, J. *Les caractères ou les mœurs de ce siècle*. Paris: Librairie Hachette, 1890.
- LESKY, A. Os sofistas e os começos da oratória artística. In: _____. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- LOCKE, J. Of the abuse of words. In: _____. *An essay concerning human understanding*. Nova York: Prometheus Books, 1995.
- LOCKE, J. Of the signification of words. In: _____. *An essay concerning human understanding*. Nova York: Prometheus Books, 1995.
- LUCIANO. *A história verdadeira*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- LUCIANO. *Diálogos dos mortos*. São Paulo: Edusp-Palas Atena, 2007.
- MACINTYRE, A. Platón: el *Gorgias*. In: _____. *Historia de la ética*. Barcelona: Paidós, 2006.
- MAQUIAVEL, N. Ao Magnífico Lorenzo de Medici. In: _____. *O príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MARROU, H.-I. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.
- MCCOY, M. A competição entre filosofia e retórica em Górgias. In: _____. *Platão e a retórica de filósofos e sofistas*. São Paulo: Madras, 2010.
- MINOGUE, K. Os gregos antigos: como ser um cidadão. In: _____. *Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- MONTAIGNE, M. De l'art de conferer. In: _____. *Essais*. Paris: Gallimard, 2004. (Bibliothèque de la Pléiade, Oeuvres complètes).
- MONTESQUIEU. *História verdadeira*. São Paulo: Scrinium, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. Descripción de la retórica antigua. In: _____. *Escritos sobre retórica*. Madri: Editorial Trotta, 2000.
- PASCAL, B. De l'art de persuader. In: _____. *Pascal, oeuvres complètes*. Paris: Seuil, 1998.
- PERELMAN, C. & TYTECA, L.O. *Tratado da Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PERELMAN, C. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PLATÃO. Sofista. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1979.

- PLATÃO. *Fedro ou da beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 1994.
- PLUTARCO. *Como ouvir*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- QUINTILIANO, M.F. *Instituciones oratorias*. Volume II. Madrid: Imprenta del Perlado, 1916.
- REBOUL, Olivier. Origens da retórica na Grécia. A retórica e os sofistas. In: _____. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- REYES, Alfonso. *La antigua retórica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- RUBY, C. A função da palavra; O cidadão e a retórica. In: _____. *Introdução à filosofia política*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- SAMÓSATA, Luciano de. Elogio de la mosca. In: _____. *Obras I*. Madrid: Editorial Gredos, 1996. Volume I.
- SAMÓSATA, Luciano de. Prometeo o el Cáucaso. In: _____. *Diálogos*. Buenos Aires: Argonauta, 1944.
- SAMÓSATA, Luciano de. Timón o el misantropo. In: _____. *Diálogos*. Buenos Aires: Argonauta, 1944.
- SAMÓSATA, Luciano de. *Como se deve escrever a história*. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.
- SAMOSATE, Lucien de. Maître de rhétorique. In: _____. *Oeuvres complètes*. Paris: Garnier Frères, 1929. Volume III.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- SCHÜLER, D. O poder da palavra. In: _____. *Origens do discurso democrático*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SHOPENHAUER, A. Discurso incompreensível. In: _____. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1997.
- SKINNER, Q. Ambigüedad moral y el arte de la elocuencia del Renacimiento. In: BOCARDI CRESPO, E. (Org.). *El giro contextual*. Madrid: Tecnos, 2007.
- SKINNER, Q. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- SWIFT, J. Sugestões para um ensaio sobre a conversação. In: MORELLET, A. *Sobre a conversação*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- TAYLOR, C. Sócrates e os sofistas. In: *Sócrates*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

- VERDU, José Rico. La retórica hasta el siglo XVI. In: _____. *La retórica española de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1973.
- VICO, G. *Elementos de retórica*: El sistema de los estudios de nuestro tiempo y Principios de oratoria. Madrid: Alianza Trotta, 2004.
- VIDAL, Cristóbal. Noticia preliminar. In: SAMÓSATA, Luciano de. *Dialogos*. Buenos Aires: Argonauta, 1944.